N.º 10 Preço — 50 RÉIS

“A ÁGUIA”

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

PREÇOS

Cada número:

Portugal	50 reis
Espanha	30 ct.
Estranjeiro	30 ct.
Brasil	200 reis

Série de 10 números:

Portugal	500 reis
Espanha	3 pesetas
Estranjeiro	3 francos
Brasil	2$000 reis

Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

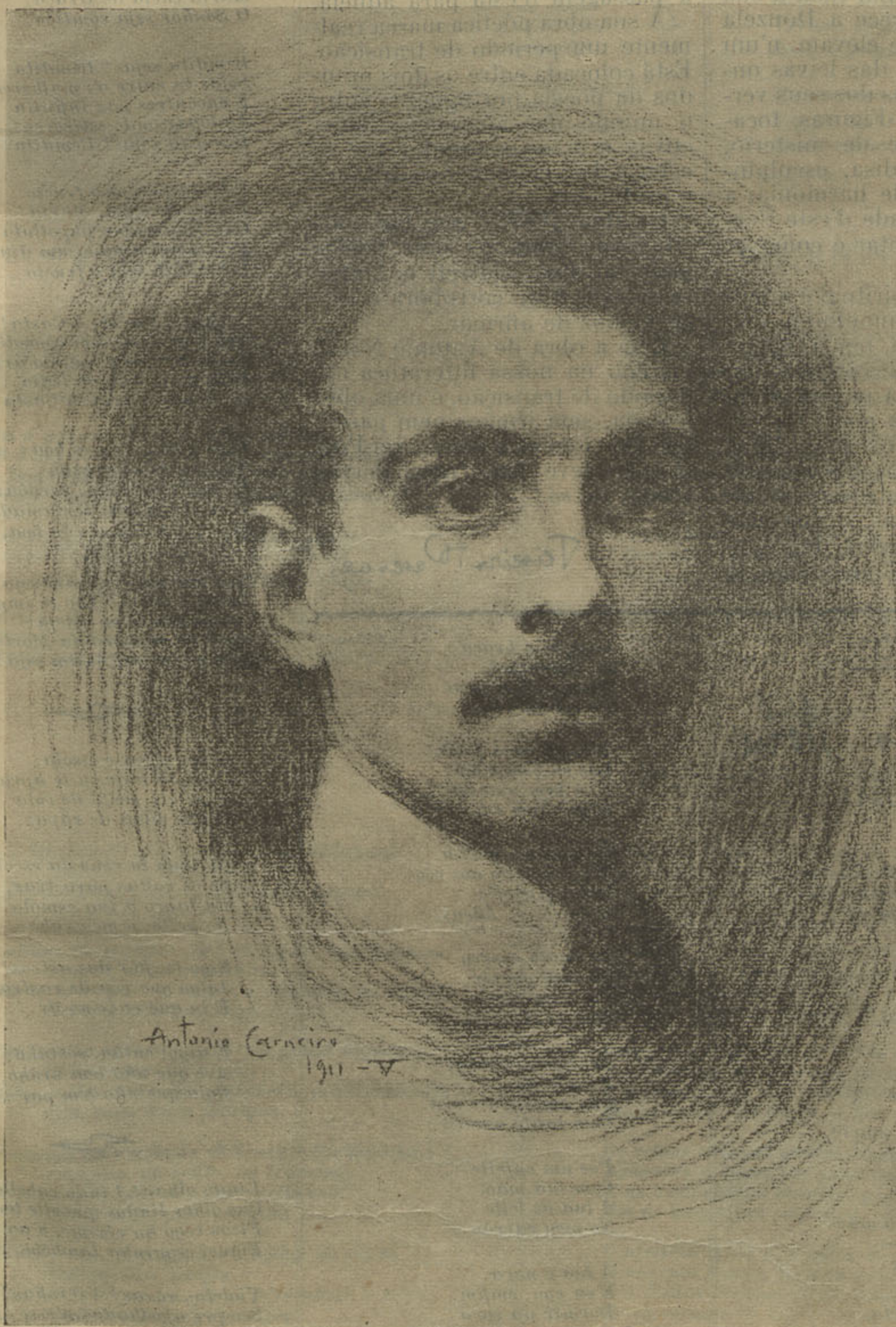
Director, proprietário e editor — ÁLVARO PINTO

Redacção e administração

Rua da Alegria, 218 — PORTO

Porto - Tip. da Empresa Guedes - Rua Formosa, 244

SUMÁRIO

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

Antonio Nobre

O auctor do *Só* e das *Despedidas* é um dos maiores poetas que a mulher e a terra portugueza têm dado á luz do dia.

A Mulher e a Terra! Na verdade, poucos poetas descendem tão directamente como Antonio Nobre, d'aquelas duas fontes de vida e de beleza. Em toda a sua obra poetica aparece a Donzela e a Arvore que se elevam, n'um abraço espiritual, das leivas ondulantes e ritmicas dos seus versos. Eis as duas Figuras, tocadas de tristeza e de misterïo, em que se verbalisa, esculpindo-se em corpo de harmonia, a original emotividade d'este Poeta que sabe encantar e comover como ninguem!

A sua graça espiritual é infantil e feminina; o tumulo em que ele repousa deve ter a fórma d'um berço, e a terra que o cobre a brancura e a pureza d'um véu nupcial. Foi o poeta da virgindade, porque os seus olhos ingenuos e limpidos descobriram como nenhuns outros, nas coisas e nas creaturas, o que elas encerram de suprema delicadeza, o seu aspecto mais fino, a sua expressão mais terna, o seu ponto de contacto com a imaterialidade.

Ele não alcançou o pleno Espirito e desprezou sempre a Materia.

D'ahi o seu campo de acção emotiva limitado ao sitio em que os corpos principiam a descondensar-se em almas. Ele não viu a Nuvem nem a Onda, mas a passagem d'esta para aquela.

A sua obra poetica marca realmente um periodo de transição. Está colocada entre os dois mundos da poesia portugueza; entre o mundo das aparencias, objectivas e o novo mundo, que se esboça das realidades espirituaes e profundas.

Os dois poetas que ele mais admirou foram os dois poetas mais opostos: Garrett e Anthero; e este facto corrobora o que acabamos de afirmar.

E se a obra de Antonio Nobre marcou na nossa litteratura um periodo de transição, é uma obra isolada, sem irmãos nem parentes. Por isso este admiravel Poeta não teve paes nem deixou filhos: foi *só!*

Teixeira de Pascoaes

VERSOS INÉDITOS

de Antonio Nobre

A SCISMA

Outomno. Cêdo.
Descanço... Emfim!
Mar! Arvoredo!
Orae por mim!

Seja-me leve
A terra, alli...
Aguias de neve!
Voae! Parti!

Dizei na Torre
Ideal do céo
Que um poeta morre.
Que morro eu!

Ó pescadores,
Que andaes no mar,
Cheios de dôres,
A' luz do luar...

Que tendes certa
A morte,
E a cova aberta
A vossos pés:

Lançae a braça
Ao mar azul,
Pescae-me a taça
Do rei de Thul!

Tem-na uma fada
Que eu bem o sei:
E' a bem amada
D'esse bom rei.

Eu quero erguel-a,
N'um brinde aos céos,
Beber por ella
A morte... Adeus!

Eu nada espero
Do meu porvir.
Por isso quero
Morrer, dormir...

Ai, chora, chora,
Amada flôr!
Que amei, outr'ora,
Com tanto amôr!

Põe um enfeite
Com tua mão,
A lua de leite
No meu caixão...

A lua é nova,
E eu vou, emfim,
Dormir na cova...
Orae por mim.

Leça, 1886.

AVÉ-MARIA

Avé-Maria das Dôres!
O' nuvem do Sol, no oeste
Latina de Pescadores!
Palacio de oiro e cypreste!
Ave-Maria das Dôres!

O Senhor seja comtigo,
Na ventura e na desgraça,
Na bonança e no perigo...
Maria cheia de Graça!
O Senhor seja comtigo.

Bemdita sejas! Bemdita
Sejas tu entre as mulheres,
E encontres paz infinita
No logar onde estiveres...
Bemdita sejas! Bemdita!

E bemdito seja o fructo
Do teu coração, Maria!
Que seja bello e impolluto
Esse a quem amei um dia!
E bemdito seja o fructo...

Ó Santa Maria, ó Casta!
Ora por mim, sem remedio,
Peccador que o mundo arrasta
Pela azinhaga do tédio...
O' Santa Maria, ó Casta!

Deus é bom e tu és boa:
O meu unico peccado
E' amar-te (filha, perdôa!),
E' amar-te sem ser amado...
Mas Deus é bom e tu boa.

Ora por mim: Assim seja!
Domus-Aurea! Não te importe
O logar onde eu esteja:
Agora e na hora da Morte,
Ora por mim. Assim seja!

Leça, 1886.

O teu olhar consola,
Consola a quem te apraz...
Tens um perfil de rola
E uns olhos de rapaz.

Quando tu vens da escola,
Se os voltas para traz,
Eu lanço a tua esmola
No peito, o meu cabaz.

Sigo-te, flôr dos astros!
Julgo que vou de rastros
E tu que vaes no ar...

E digo, então, sósinho:
Ave que não tem ninho,
Rola que não tem par...

Lindo olhar! Lindo cabello!
Que olhos lindos que elle tem!
Ficou cego ao vêr-me, e ao vêl-o
Fiquei ceguinha tambem...

Violetas rôxas! Vivinhas!
Sempre ajoelhadas n'esse chão...
Santas do outomno, tão velhinhas,
O' tristes Rosas corcundinhas!
Santas da minha devoção!

O' minha doce Purinha,
Quem és, ai dize quem és?
— Eu sou uma estrellinha,
Tenho a mais cabeça e pés.

Meadas de linha crua
Tão lindas! Dobae, dobae!
Feitas de raios da lua
E cabellos de teu pae.

Fui plantar um teu cabello
Entre os choupos, no choupal,
E nasceu, anda lá vêl-o,
Um choupinho tal e qual.

Ó convento abre-me as portas!
O' phantasmas vinde abrir!
Acordae, ó freiras mortas!
Quero comvosco dormir...

Senhora da Boa-Nova!
Capellinha á beira-mar!
Ando a abrir a minha cova
Para n'ella ir morar.

Quiz morar á tua beira
Quiz lá fazer um torreão:
Não o pude erguer na leira
Faço-o debaixo do chão.

Jesus, em seu testamento,
Entre outras coisas legou
Os seus suspiros ao vento,
Que para mim os passou...

Andas magrinha, andas rouca,
Tosses tanto, tanta vez!
Deitas sangue pela bocca...
O outomno é d'aqui a um mez!

Os lençoes com que o coveiro
Nos faz a cama, no chão,
Para o somno derradeiro,
Nunca mais se mudarão...

Quando eu partir, bom amigo!
Para a jornada do pó
Meu amôr has-de ir commigo,
Que eu tenho medo de ir só.

New-York, 1897.

AS ALGAS

As algas negro-cerrado
Que eu trouxe da beira-mar
Guardo-as n'um missal doirado,
Onde costumo scismar.

Ás vezes, triste e cançado,
Quando o vou a folhear,
Dentro do livro encantado
Eu oiço as algas chorar!

Choram os tempos de quando
Viviam no mar em bando
Com os peixes e as areias.

E eu scismo, ao vêr esses trapos,
Que as algas são os farrapos
Dos vestidos das sereias!

Seixo, 1886.

VAE-TE EM PAZ!

Á beira-mar, em sonhos, eu dormia,
Alta ia a lua, no ceruleo throno,
O mar, cuspindo vagalhões, tossia,
Como tossem os tisicos, no outomno.

Ia a passar essa que amei um dia,
E disse ao vêr-me em languido abandono:
«Beija-me, poeta! A noite está tam fria...»
Mas eu volvi, sorrindo: «Tenho somno...»

Ao vêr-me frio, imperturbavel, quieto,
O seu olhar febril mudou de aspecto,
Como os planetas nas diversas phases.

E lá se foi seguindo o seu caminho,
Pobre phantasma, a murmurar baixinho
Estas palavras: «O que são rapazes!»

INGLEZINHAS

Alli á beira-mar, um bando de inglezinhas,
Loiras e todas graves,
Andam a patinar, leves como andorinhas,
Descalças como as aves...

Um «Sam Bernardo» está de vigia, nas fraguas,
Com as patas erguidas:
Vigia-as como pae, prompto a atirar-se ás aguas,
Heroico «Salva-vidas»!

O Pae, saxão enorme, anda na praia algente,
Colleccionando algas...
E, além, «Mistress» faz «crochet», graciosamente,
Com suas mãos fidalgas.

No emtanto as «misses» chilreante borborinho,
Largam, ao vento, as tranças!
E ri-se muito o Mar-avô, esse velhinho,
Que é doido por creanças...

Vejo tudo isto. Extasiado eu tenho, ao vêl-as,
Excentricos desejos.
Dá-me vontade, eu sei, de as presentear a ellas
Com uns patins de beijos!

Porto, 1886.

OS RIOS

Os rios têem cantigas de ceifeiras,
Balladas exquisitas e formosas...
Ha lá no fundo christallinas eiras,
Onde bailam creanças vaporosas!

De noite, pelas horas religiosas,
Os rios têem cantigas de ceifeiras,
E ao verem-na passar, dizem as rosas:
Agua que vém de terras estrangeiras!

No emtanto, como enormes esqueletos,
Cobrem o rio as arvores, Hamletos,
N'uma postura, extactica e silente...

E a lua cheia de doçura e mágua
Vae boiando, boiando á tona da agua
Como Ophelia nas aguas da corrente...

A POESIA DO OUTOMNO

Noitinha. O Sol, qual brigue ardendo, morre
Nos longes ermos! Que infinita magua!
E a prata fosca do luar escorre
As lagrimas, diluida, feita agua...

Ao longe, os rios de aguas prateadas,
Por entre os verdes cannaviaes, esguios,
São como estradas liquidas, e as estradas,
Ao luar, parecem luarentos rios...

O orvalho innunda, ás horas do relento,
A bocca fria dos morenos goivos,
E a laranjeira, aos repellões do vento,
Deixa cahir, na terra, a flôr dos noivos...

Os velhos choupos pedem suspirando
Agasalho a quem vae pelos caminhos,
E as andorinhas noivam, piando, piando,
Em os seus leitos nupciaes, os ninhos!

O orvalho chove e, á falta de agua, rega
O val sem fructo, a terra arida e nua!
E o Padre-Oceano, lá de longe, préga
O seu sermão de lagrimas á Lua...

Porto, 1886.

BALLADA EXCENTRICA

Andavamos nós dois, á beira-mar, errantes.
A's horas do poente, horas em que a alma vôa:
Eu atirára ao mar madréporas gigantes
Fazendo-as deslizar á flôr da agua, á tôa...

E ella, uma rapariga excentrica, mas boa.
Tirou do seio a cruz de ferro com brilhantes;
Lançou-a ao mar; o mar indomito arrastou-a...
E abraçavam-se á cruz as ondas soluçantes!

Porque é que essa creança ingenua e pequenina
Faria tal, Senhor? Ah, quiz, talvez, benzel-a,
Por isso é que a afogou, n'aquella agua divina...

E hoje, a piedosa cruz, que eu vi no seio d'ella.
Anda, talvez, no collo espumeo d'uma ondina.
Allumiando o Mar, tal qual uma estrella!

Seixo, 1885.

ALÉM-SOL!

Meu luar! Meu céo! Meu norte! Meu abrigo!
Anjo, como eu, cheio de «spleen» profundo:
Ai, quem me dera debandar comtigo
Para uma terra estranha do Além-Mundo...

E partir enlaçados como a hera,
Pelo mar dentro dos joviaes espaços,
Sendo o teu corpo uma subtil galera
Com leves remos de marfim, teus braços...

Havemos de parar lá muito acima
D'essas regiões que eu choro só de vêl-as,
N'um santo reyno de amoroso clima,
Que ha para além do Sol e das estrellas.

E mal chegar a essa cidade loira,
Para ganhar o pão de cada dia,
Occupar-me-hei, meu Anjo, da lavoira:
Cuido das terras da Virgem Maria...

Que santa paz! Ó luz dos meus amôres!
N'uma herdade de céo, entre charruas!
A cavar entre simples lavradores,
Semeando estrellas e plantando luas...

Que santa paz! Depois, á noite, á ceia,
Entre filhinhos que Jesus me désse...
E dormir, tendo um astro por candeia,
Até que, ao outro dia, amanhecesse!..

Coimbra, 1888.

A PAPOILA

Dominado por intima agonia
Amarfanhei as pétalas vermelhas
D'essa papoila que me déste, um dia,
Cheia do mel que sugam as abelhas.

Depois, á voz das ondas e do vento,
N'um arranco de tragica Paixão
Eu atirei-a ao Mar, n'esse momento
Meigo e hesitante, como um velho leão!

E, emquanto a flôr anciosamente vinha
Com a maré em vão luctando, exangue,
N'estas pallidas mãos, eu vi que tinha
Nodoas vermelhas d'essa flôr de sangue!

Corri n'um prompto, á beira-mar, ancioso.
(O Sol morria no Occidente, além.)
E, rapido, lavei as mãos, receioso,
Como se houvera esfaqueado alguem.

O MEU NATAL

A noite de Natal. Em meu Paiz, agora,
O que não vae até romper o dia, a aurora!
As mezas de jantar na cidade e na aldeia,
A' luz das velas, ou á luz d'uma candeia,
Entre risadas de creanças e crystaes
(De que me chegam até mim só ais, só ais),
Dois milhões de almas e outros tantos corações,
Pondo de parte ódios, torturas, afflicções,
Que o mel suaviza e faz adormecer o vinho:
São todas em redor d'uma toalha de linho!

A ESCUNA «SPES»

Quando nasci eu embarquei, creança!
A' beira-mar da lagrymosa Vida,
Na escuna «Spes», para seguir viagem,
No mar da Vida, em busca do Futuro.

Nascia a Aurora, quer dizer, teu rosto,
Ungindo a escuna, desde a pôpa á ré...
O céo tranquillo, como é o céo de agosto,
O mar azul, como este oceano é!

A nau, assim, cortava as ondas bellas
Com o placido ardôr de quem não treme:
Era o teu corpo que infunava as vélas,
E tua mão que manobrava o leme!

Claro, sem nuvens, como um céo de arminho,
Mais claro do que a lua, o teu olhar
Guiava-me das aguas no caminho,
Como se fosse a agulha de marear...

A nau seguia, fluctuante caza!
E, abrindo as azas lá no céo, os astros,
Serenamente, n'um impulso de aza,
Pombas de luz, vinham poisar nos mastros!..

E as ondas, a sorrir, uma por uma,
Abraçando-se á escuna de marfim,
Iam passando com seus véus de espuma,
Bando de noivas a acenar por mim!

No mar, planicie devastada e nua,
Havia a paz dos grandes cemiterios!
No céo, esse outro mar, andava a lua,
Essa outra escuna cheia de mysterios!

Mas, ah! Nem sempre dura a paz nas aguas:
Basta uma aragem, logo os vagalhões
Abrem as guelas, engulindo fraguas!
Abrem as guelas, vomitando leões!

SONETOS

I

N'essa casita, em que eu morava d'antes,
Que santa paz, que limpida alegria!
Brilhasse a aurora nas regiões distantes,
Raiasse a lua:—era sempre dia!

De noite, a voz dos rudes navegantes
Embalava-me, quando adormecia,
E de manhã, relogio dos amantes,
Vinha acordar-me a voz da cotovia...

N'essa casita, em que passei a infancia,
Eu conservava as illusões serenas
E voava com ellas, a distancia:

Hoje, porém, revoada de andorinhas,
Nas azas têem já tão poucas pennas,
Que parecem um bando de velhinhas...

II

Que fazes tu deante de mim? Que esperas,
Loiro phantasma? Ophelica visão!
Vens a arquejar? D'onde vens tu?
Qual d'esses astros é a tua nação?

Acordás-te-me: chego das espheras
Agora mesmo, e não te vi... Então?
Os teus olhos promettem-me chymeras.
Trazes-me alguma? Vamos? Falla! Não...

Trazes-me a paz? Nem isso! Que tormento!
Ninguem, ninguem consolações me traz!
Como o rei Lear ando exposto, ao vento.

Na «selva-obscura» da illusão fugaz...
Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha, além da morte, e que se chama a paz!

Leça, 1886.

III

Quizera ser um grande marinheiro,
Um novo astro entre os milhões de sóes!
Ser de Albuquerque um filho aventureiro,
Pertencer á familia dos Heroes!

Ou então ser um simples pegureiro,
Viver, ao sol, no monte com os bois...
Ou, antes, ser um pescador trigueiro:
Nascer no Oceano e ficar, lá, depois!

Quizera ser «Alguem»: para isso creio
Que vim ao mundo, e a Humanidade veio,
E á vida nos lançaram nossos Paes:

Mas o que faço eu (e o tempo foge),
O que fazemos nós, rapazes d'hoje?
Bebemos e fumamos, nada mais!...

Leça, 1887.

IV

Moro n'uma alta, n'uma velha torre,
Cheia de sonho e de legenda até!
Pelos seus muros verdes suores escorre,
Porque ha mil annos que ella está de pé!

Olhae: o sol que entre salgueiros morre,
E a velha Coimbra ennoitecendo vê!
Aqui, sósinho, moro n'esta torre,
Com o meu cão e o leal Joseph.

Sóbe ao terraço: aqui, «fóra de portas»,
Perto das nuvens, nas regiões serenas,
Moram as minhas esperanças mortas:

Vê-as ao canto... Pobres andorinhas!
Nas azas têem já tão poucas pennas,
Que parecem um bando de velhinhas...

Coimbra, 1889.

V

Ó mar! Aqui, só oiço entre destroços,
Cantigas de estudantes pela rua.
(O' agua salgada d'esses verdes poços
Que nenhum balde por maior escua!)

Podesse ouvir d'aqui os **Padre-Nossos**
Que, tanta vez, te ouvi rezar á lua!
(Bemdito dia aquelle em que os meus ossos
Baixarão frios á morada tua...)

Oceano! Oceano! podesse eu, em summa,
Vestir teu branco habito de espuma
E ir professar, ahi, n'esse convento...

N'esse convento de agua verde-amara,
Cuja abbadessa é a lua Santa Clara
E cujo padre-capellão é o vento!

Coimbra, 1890.

POESIAS INCOMPLETAS

Emquanto, nos celestes mostradores,
Não bater o meu ultimo segundo
Irei soffrendo com paciencia Dôres,
Que para Dôres foi que eu vim ao Mundo...

Nasci: e entrei com outros peccadores
N'um balde immenso, tragico, profundo,
Porque esta Vida é um poço
Que a gente desce, até tocar no fundo!

Mas bastar-me-ha, embora eu seja moço,
Para chegar ao fundo d'esse poço,
. . . .

Não! Imitae (cilicios n'esta edade!)
Sam Francisco d'Assis, na castidade,
E seguir, na coragem, Marco Aurelio!

Coimbra, 1889.

Nasceu a Lua. No convento, agora,
Chove o luar as lagrimas tão frias...
Que luz! Parece que desponta a aurora,
Que trinam pelo céo as cotovias!

Brancas ossadas, que o luar descora,
Não têem folha as arvores esguias:
Movem os braços pelos céos afóra
Como freiras, rezando «Avé-Marias...»

Ah, tu que és pura, religiosa e mansa,
E trazes, minha pallida creança!
O livro de «Horas», n'essas magras mãos:

Pódes rezar, n'este silencio amigo,
Que dos....... . rezarão comtigo
Os rouxinoes da noite, os meus irmãos!

Seixo, 1883.

O AMOR

Pela estrada d'esta vida,
Desabrida,
Vae um pobre caminhante,
Soluçante...

Pela chuva de seu pranto,
Tanto, tanto!
Elle vae todo alquebrado
E molhado.

Pede o triste, em altos brados,
Esses prados,
Onde canta a cotovia
Todo o dia.

Diz que vém de muito longe,
Como um monge,
E pede á tua estalagem
Hospedagem...

Crê em ti. Não desespera:
Elle espera
Que tu venhas recebel-o,
Acolhel-o.

E diz: «Meu Irmão no inferno
Mar eterno
Navegou, antes que visse
Beatrice».

Vamos! Cheia de fadiga,
Santa Amiga!
Elle espera, sem conforto,
Morto, morto...

Tem dó, vá! Dá-lhe um azilo.
Vém cobril-o
Com teu manto, embora pobre.
Que te cobre.

Dá-lhe uma capa das tuas.
Se tens duas . .
Olha: dá-lhe a côr de espuma . .
Fica-te uma.

Vá! Hospeda-o! Abre-lhe a porta!
Que te importa
Que se abrigue um passarinho.
No teu ninho?

Teu amor é o . . . . . .
. . . .
Meu amor é o caminhante
Caminhante . . .

O Poeta n'um baile de «Mi-Carême» em Paris

No verso d'este retrato, feito em Paris, por meados do anno de 1896, existe o escripto do Poeta, que adeante publicamos.

O SENHOR DIABO E ANTO

O caracter dominante das vidas religiosas é a presença permanente da noção de valor. Nos individuos religiosos a vida é uma coisa grave e profunda, uma *contínua affirmação d'absoluto* no meio do universal relativismo dos fenomenos.

Esta concepção da vida póde ser adquirida por obstinada especulação, ou por pasmo emotivo. O segundo motivo é o unico de certeza e tranquilidade. Pela especulação póde subir-se até hipoteses de imponentes probabilidades, mas só a coloração emotiva dará azas para o salto á certeza.

Os temperamentos eminentemente concretos, sensiveis á beleza harmoniosa da ideia, mas egualmente sensiveis á obscuridade do *real*, nunca adquirem uma estabilidade perfeita, um optimismo estatico e regalado. N'eles, a ideia é o Ideal — longinquo, vivido em aspiração e ancia, problematico em objectividade e realidade. Assim em Antonio Nobre. Pessimismo fisiologico, é vulgar dizer-se. E' certo: mas o que ha de diferencial e proprio é a refração d'esse pessimismo atravez da sua alma, que o devolve pessimismo metafisico, absoluto. E não o pessimismo estatico do espirito, que fez o balanço do Mundo e *contou* mais mal; mas o pessimismo da alma torturada na duvida que a realidade concreta impõe.

Deus ou Diabo? Deus e Diabo, Bem e Mal, alma sedenta de beleza e materia empedernida de indiferença. Eterna dualidade, *eterno conflicto*.

O Poeta folga e ri e, quando lhe falam os *pintores dos paineis*, ele sabe que vae *pousar* para a imortalidade e sente (não a pensa) a responsabilidade do seu ser metafisico. Empalidece e, com os olhos cerrados e os labios brancos, é batido no *eterno conflicto*.

Deus ou Diabo? Nem um, nem outro: mas o Poeta, chocando a contradição, obscurecido no caminho de Deus pela sombra do Diabo. E aquela alma heroica, que concebe e aspira Deus, não nega o Diabo; sente-o, comsigo o arrasta como a sua sombra. Não lhe fugirá; olha-o e, sem medo porque comsigo traz Deus, com bonhomia porque ele tambem dá sabor e colorido á existencia, cumprimenta o «*Senhor Diabo*». Aquele humor vem da sabedoria.

Anto é sabio, tem um coração que é de Deus e que, afinal, é tambem um pouco do Diabo.

Leonardo Coimbra

MÃOS

Nas tuas mãos pequeninas, meu Amor, vive e canta um poema — o poema do teu coração. Ellas falam e choram, supplicam e imperam, condemnam e salvam.

Teem musica e rythmo; amaciam o ar, e ondulam as linhas ásperas em que poisam.

A harmonía musical das tuas mãos!

Quando melhormente me agradam, é quando véstes de preto.

Sobre a escuridão do vestido, resaltam brancas, da côr do marfim secular; e as unhas, onde transluzem claridades de Aurora, são aceradas e aggressivas como o ferro duma lança.

Esguías, e de dedos patricios; esguías e breves, como a mão ingénua duma criança, e a mão ociosa duma imperatris do Oriente.

Mãos capciosas, preparam a insidia; e a sua virtude é tal, e tal a sua malicia, que, feitas para o prazer e para o mando, igualmente acariciam e igualmente repellem.

Eram assim as da amorosa Rainha de Sabá, assim as da irman fascinante dos Bórgias.

Ahi tens a rosa — a flôr tua irman, que, com ser amavel e dôce, nem por isso se despe dos espinhos.

Sedús-me nas tuas mãos a linha clássica dos marmores átticos, animada do intimo fogo de ansiedade que devóra as almas deste século.

Que mysterioso laço prende a defeza violenta do teu pudor á rêde apertada do teu desejo!

Quando repellem, as tuas mãos são dez guerreiros que sáem em ordem de batalha a defender-te.

Quando me acenam, são dez sereias, cantantes na sua mudez, a attrahir-me ao remoínho dos teus braços.

Se te despedes de mim, eu próprio, ao voltar-me de longe, não sei bem distinguir onde é que a tua mão termina para começar o teu lenço.

As tuas mãos, mensageiras da tua alma, meu Amor!

Albandoso Martins

"Da famoza e veridica hystoria d'um Poeta Luzitano que floresceu nos fins do seculo XIX e primeiro quartel do seguinte, no reynado de Dom Carlos Primeiro, em o Reyno de Portugal."

(Fragmento)

... E Anto (que estudava Jurisprudencia na Universidade de Paris) foi n'aquella Noite (que era da "Mi-Carême") a uma festança dos Estudantes e dançou, enlaçado n'uma mui fermoza estudanta de todas as Russias, a doida e desmaiadora "farandole". Ora, em meio da Noite, vieram Pintores pintarem paineis e Anto que tinha a bocca vermelha e os olhos abertos, a sorrir com sorrisos da sua idade, ficou pintado no dito painel com a bocca branca e os olhos fechados e mui tristes. E este lastimozo successo a todos emmudeceu e espantou e as danças cessaram e as muzicas pararam. E Anto (que era Poeta e Sobrenatural) ficou passado e a scismar se seriam artes de Magia do Senhor Diabo, ou castigo e advertencia d'Aquelle que fez os Astros, os Miolos dos Poetas e as Obras de Mizericordia. E tudo isto foi presente aos Sabios da Terra para meditarem n'esta mysteriosa circunstancia e resolver. — Feito n'esta Cidade de Paris aos 20 d'Abril do Anno de N. S. J. Christo 1895 e cinco. E eu escrivão o subscrevi. José do Nascimento Junior.

«Da famoza e veridica hystoria d'um Poeta Luzitano que floresceu nos fins do seculo XIX e primeiro quartel do seguinte, no reynado de Dom Carlos Primeiro, em o Reyno de Portugal.»

(FRAGMENTO)

... E Anto (que estudava Jurisprudencia na Universidade de Paris) foi n'aquella Noite (que era da «Mi-Carême») a uma festança dos Estudantes e dançou, enlaçado n'uma mui fermoza estudanta de todas as Russias, a doida e desmaiadora «farandole». Ora, em meio da Noite, vieram Pintores pintarem paineis e Anto que tinha a bocca vermelha e os olhos abertos, a sorrir com sorrisos da sua idade, ficou pintado no dito painel com a bocca branca e os olhos fechados e mui tristes: E este lastimozo successo a todos emmudeceu e espantou e as danças cessaram e as muzicas pararam. E Anto (que era Poeta e Sobrenatural) ficou passado e a scismar se seriam artes de Magia do Senhor Diabo, ou castigo e advertencia d'Aquelle que fez os Astros, os Miolos dos Poetas e as Obras de Mizericordia. E tudo isto foi presente aos Sabios da Terra para meditarem n'esta mysteriosa circunstancia e resolverem.— Feito n'esta cidade de Paris aos 20 d'Abril do Anno de N. S. J. Christo 1895 e cinco.—E eu escrivão o subscrevi.—José do Nascimento Junior.

Do «LIVRO DO SILENCIO»

Primeiro capitulo dum romance inédito

«Foram as suas mãos de pérola, convulsionando de saudade a dentadura inerte do piano, que me déram a primeira sensação destas enormes sensações da minha vida — quando lhe ouvi tocar aquelle Nocturno de Chopin. Por isso a hora do Nocturno ficará sempre na minha vida, tam viva como se agora mesmo, hora a hora, em cada instante e sempre, de novo se fôsse desdobrando do segredo do tempo.

Naquella mesma cadeira de braços onde tantas vezes acordei esquecido depois de ter vivido as doloridas paginas de amor e morte que os seus dedos segredavam no piano,— a mãe deixava evocar a sua vida passada, a alegria travessa daquella filha que enchia de vagas ondas de tristeza as penumbras da sala, nas horas lentas da musica; e defronte, as cadeiras desertas estendiam os braços, a lembrarem saudosas esse tempo em que, mãe de garotas tagarellas, os amigos da casa a vinham tambem ouvir, entre as falas cantadas das pequenas.

Sentava-se ao piano com a mesma alegria que a mãe lhe conhecêra sempre, a alegria dos seus olhos pretos, fundos e calmos, sempre a sorrirem de brilho; a mesma alegria daquella curva que se lhe fôra vincando ao pé da bôca, aberta num sorriso egual. Mas naquelle dia, no dia do Nocturno, a sua alegria crescêra, nessa longa conversa que tivemos os dois junto do piano, no mesmo recanto brando do que as folhas da palmeira, desdobrando-se, faziam mais brando ainda. A mãe, do outro lado, parecia fitar de enternecida certo ponto distante na curva do passado; então, sobre aquelle fundo tam lento e benefico de felicidade, ergueu-se, e poisou-me as mãos sobre os hombros, a perguntar que musica escolhia. Eu escolhi, ao acaso, aquelle Nocturno—o primeiro—, aquelle saudoso Nocturno de Chopin, todo cheio de soluços afogados.

Sentou-se. Os seus dedos semeáram devagar a primeira phrase; e desde então essa phrase entrou a cair em gottas de crystal na minha vida. Na transparencia das suas mãos, o sangue riscava sulcos socegados, correndo as veias na mesma lentidão; e os dedos agitavam, dolorosos, essa phrase maior em que o soluço devia subir mais e a dôr andar mais alto.

Conheci-a depois sempre assim, revendo a imagem d'esse sangue correndo o caminho conhecido das veias, alheiado do tormento que os dedos iam lançando. Quasi a meio da musica, olhou-me num sorriso tam distante e tam simples que um momento meus sentidos regressaram á felicidade calma daquelle recanto velado; mas de novo a mudez branca do teclado se animava e se erguia vincando na minha vida, atravez dos seus dedos longos, aquelle roteiro de saudade, em que a vida e a morte se enlaçam no mesmo sôpro de vida.

A mãe, defronte, fixava a vista no desenho da musica, como se naturalmente passasse do seu constante officio de recordar para aquelle traço que a filha lhe amostrava, e nelle fôsse revivendo certa lembrança da sua vida; e pareceu-me que a aragem da meia-tarde dava mais vida ás folhas das palmeiras, e que as cortinas da janella palpitavam mais, sôfregas de vida. Em tôrno as coisas animavam-se; nas peqúenas mesas, os bibelots que eu nunca notára, acostumado ao conjuncto, destacavam, e cada um eu via, distinctamente. E a côr — essa côr que nunca mais me ha-de deixar de perseguir —, manchando de nodoas brandas as paredes, diluia por sobre nós a saudade dum poente de oiro velho que o mar lançava pelas aguas fóra em discos abrandados, num macio deslumbramento de côr, entrando em nós, que nos rodeava, nos prendia e enleava, falando-nos imperceptivelmente no canto de sereia do silencio, embalado ao rythmo do crepusculo, descendo, descendo...

Essa hora foi toda a minha vida.»

A SAUDADE

Tu vives para mim: horas e horas,
O teu olhar supplica o meu olhar:
Morrem tristes os sóes, nascem auroras,
E o teu perfil somnambulo a fitar...

O que eu fui, o que eu sou! E ás tardes vagas
Cahindo saudosissimas no mar,
Com mãos d'além, Saudade, como afagas!
Voz muda, como sabes emballar!

Ó dulcida enfermeira da minha alma,
Reza baixinho, assim, e calma, calma,
Baixinho, não acordes o que foi:

Que restaria do meu pobre ser,
Se Alguem tornando a si — supõe, supõe —
Cerrasse o olhar sem o reconhecer?!

Mario Beirão

Aos poetas portuguezes religiosos

UMA MONADOLOGIA

(FRAGMENTO)

....

....

Em conclusão:

O conhecimento ou é uma impressão fotografica, ou uma tradução da realidade. O conhecimento impressão é o conhecimento epifenomenal. Quer dizer que, sendo um certo arranjo mecanico, tudo se passaria como se não existisse a consciencia. Mas isto é obra de prestedigitação e não de filosofia.

Pois é a existencia da *consciencia* que nós queremos explicar e respondemos dizendo que ela, milagre fóra da relação causal, é nada. De resto, a *existencia do nada* é o supremo absurdo.

A consciencia epifenomeno é antes uma demonstração, por absurdo, da falsidade do mecanismo.

A consciencia tradução livre [1] é a teoria que tem o predominio, apóz a profunda critica de Kant.

São conhecidos os inconvenientes d'esta teoria. Todos se resumem no seu relativismo, que scinde o mundo em fenomeno e noumeno. Fenomeno sem raizes no Absoluto, portanto sem verdade; noumeno sem existencia activa, sem realidade portanto.

Como o conhecimento dirige, sintetisa e governa a ação, sendo apenas humano? Responde-se que a ação humana é a experiencia humana e, por isso, é determinada *á priori* pelas categorias e pelas fórmas da sensibilidade. Mas o que se não percebe é a eficacia d'uma ação, que não é *absoluta*.

Uma harmonia preestabelecida, antes duas aprioristicas harmonias, eis o postulado do kantismo.

O conhecimento não póde ser, pois, uma tradução livre da realidade. Uma tradução sim, mas relativa ao sêr absoluto (actúante e actúado). A hipotese que, guiados por Hannequin, admitimos para a explicação da causalidade, hipotese d'uma sociedade cosmica, vai-nos permitir uma genese do conhecimento.

Assim será essa hipotese novamente imposta, como base essencial da ciencia, da filosofia e da moral.

No Universo ha sêres (actividades incompletamente actualisadas) e mo-

1 Livre relativamente á realidade actúante.

vimentos (actualisação absoluta). Ou reduzimos os sêres a movimentos, ou todos os movimentos a funções dos sêres.

A primeira tentativa é a do perfeito racionalismo, demonstrada falsa pelas considerações já feitas e pela impotencia provada na presente questão.

O movimento é continuamente actual, em parte alguma da trajectoria ele póde realisar a suspensão precisa para que se olhe.

O Universo mecanico seria *um facto* e não um conjuncto harmonioso de factos ou de leis.

Como que um mar de subtilissima materia, onde nenhuma vaga póde dispôr de actividade propria para (e ainda assim uma nova dimensão seria precisa no Espaço) se erguer acima das outras, medindo-as. E aqui toco o ponto essencial da nova hipotese — sem diferença de ritmo, não póde haver discontinuidade, mas sempre perfeita e absoluta ligação.

A propria existencia de movimentos diferentemente ritmados prova a falsidade do mecanismo. No mar póde haver movimentos desencontrados, porque forças diferentes podem actúar, ou a mesma força encontrar resistencias diferentes (as costas, a natureza do fundo, a diferença de densidades, etc.).

No *Universo-oceano* nem movimento poderia haver, porque o infinito da inercia equilibraria o infinito da força; o perfeito homogeneo (sob pena de introduzir o indeterminismo com fórmas heterogeneas iniciaes) seria o *Nada*.

Resta a hipotese do Universo sociedade de monadas. Os sêres (unicas realidades) hierarquisam-se, desde o inerte ao homem. Os sêres, apenas sahidos do nada, são aqueles que vivem em absoluta exteriorisação, perfeita resposta newtoniana (reação egual á ação).

Aqui, incidentalmente, de novo farei notar a falsidade do mecanismo pelo facto (hereditariedade) das respostas *não-newtonianas*.

Uma pedra não tem alma, porque não tem excedente de ação — a sua actividade é absolutamente exgotada na permanente reação newtoniana. A sua vida é o presente absoluto.

Mas com a vida apparece a adaptação, isto é, o tempo [1]. A planta, a par

da resposta newtoniana, eleva-se, procura a luz, resolve dificuldades, possue um mais largo ritmo. Por isso admitimos o problema da sensibilidade das plantas. Tem um excedente de actividade, provavelmente não *reflectido, por imediatamente actualisado na lucta pela vida.*

O animal possue um maior excedente de energia livre, embora *quasi* totalmente actualisado em imagens e sensações.

O homem póde resumir e resume toda a escala. Acossado por dificuldades materiaes, o homem exteriorisa-se, actualisa-se, desce ao nivel do bruto, roça pela pedra.

Quando classificamos de calhaus certos homens, dizêmos mais que uma metafora. Quando, respondendo ás ações mecanicas, biologicas e sociaes do meio, sinto ainda um excedente de actividade, *a presença do Ideal,* sou um homem livre e superior. Sem esse excedente de actividade nunca se teria pensado na liberdade, na alma e em Deus.

Os sêres medem, pois, a realidade pela amplitude do seu ritmo, excedente psiquico, alma ou liberdade. Assim comprehende-se o conhecimento. Cada sêr contém materialmente os outros de menor ritmo ou alma. O homem, comprehendendo os outros, conhece a actividade livre e vivendo n'essa actividade, sente e concebe Deus. Cada sêr tem por limite o gasto de energia a que o obrigam os outros sêres, ou o Mundo. Deus seria a perfeita actividade, a omnipresente liberdade.

A sciencia, dentro desta teoria, quando mede a inercia, mede *de facto* a diferença de ritmo. *D'ahi a sua universalidade,* pois todos os sêres têm uma face inerte, absolutamente actualisada, e uma face de actividade livre. O proprio mineral se não exgota na reação newtoniana, como o mostram os fenomenos de hereditariedade (adaptação biologica) dos ferros-nickeis de Guillaume.

Esta teoria explica a genese do conhecimento e da consciencia, que na generalidade, que adoptamos, se confundem.

E' a harmonisação complementar da ciencia e da arte n'uma moral cosmica ou religião. O Universo é uma sociedade de consciencias que se buscam e se ignoram. E' este o postulado consciente ou inconsciente de toda a obra de arte, e em especial, da poesia.

O homem é a consciencia do estorvo corporal, da opacidade da materia, e a consciencia de liberdade creadora e amante. Interiormente livre, é determinado exteriormente (mas não fatalisado, e só n'esta teoria desaparece a confusão de determinismo [1] e fatalismo) pelo obstaculo que lhe opõe o Universo.

O Espaço e o Tempo medem o alcance da ação de cada sêr. O inerte não dispõe do espaço, como não dispõe do tempo. Vive n'um presente absoluto, completamente exteriorisado. *Móra em si mesmo,* e só por ação extranha percorrerá um espaço, que para si não existe, pois o inerte é sempre a morada de si mesmo. D'este modo redescobrimos as fórmas da sensibilidade, postas por Kant. O homem vive no passado pelas *obras do espirito,* no presente pelo corpo, no futuro pela liberdade, alma ou espirito. Vive no Espaço estorvado pela opacidade da materia ou resistencia do Mundo, mas essa opacidade é-lhe grata porque é o ponto de apoio da sua divina ação libertadora.

Mede o Espaço com o cerebro, isto é, afirma n'elle a possibilidade indefinida de ação.

No Espaço ergue, com religiosissimas mãos, as suas obras de bondade e doçura.

Abre o coração e, sem esforço, ergue o Universo tornado imponderavel; porque o amôr é a actividade original, intemporal, absoluta. Uma onda d'amor ergue todo o Infinito, volvido transparente, sem resistencia ou inercia. Assim, pela inteligencia, prolonga-

[1] O tempo, o verdadeiro tempo, foi *descoberto* pelo genial Bergson no fim do seculo XIX. Embora esta teoria se oponha á de Bergson sobre a percepção, é justo dizer que a Bergson muito devemos.

[1] Qualquer outra distinção é méramente empirica.

mento do seu corpo, vive no presente [1] activo e dramatico e no espaço opaco e resistente. Assim, pelo amôr (presença divina) vive na Eternidade e no Absoluto, isto é em Deus. Deus é eterno e absoluto porque não reage, sómente actúa.

Deus é a unica actividade a que o Mundo não faz [2] obstaculo.

. . . .

Leonardo Coimbra

1 O Passado é a obra do espirito. O presente absoluto (que não existe, senão nas abstrações cientificas) é a materia. O Futuro a ação das consciencias rapidas sobre as consciencias vagarosas. A Eternidade o amôr infinito, infinitamente excedente sobre o esforço temporal, existindo sem atrictos ou restrições; porque, por ele e n'ele, tudo existe.

2 Este «faz» não é galicismo. O sentido da frase precisa do verbo fazer, visto que a resistencia do mundo é consequencia das actividades das monadas.

SONETO

Cedro gigante, heroe das ventanias,
Por fim vergado á rija tempestade.
—Sem ti sou morto, e é morta a suavidade
E a luz que sobre os campos esparsias.

Ó velho pae de adustas ramarias,
Bens da minha alma até á eternidade!
Que o sol me queime agora na orfandade
Da tua sombra amiga de outros dias!

Por ti chora o convento amortecido,
O rio-velho e as tristes viuvinhas,
E o ar em torno geme comovido.

Chora o outeiro e os pampanos das vinhas
E eu no côro das Coisas recolhido
Chóro e reso por ti orações minhas.

A MEU FILHO RAUL

Como as alegres aves pelo espaço
O meu filhinho ri-se todo o dia,
E se por vezes perde essa alegria
É por que a mãe lhe troca o seu regaço.

Pois ao colinho d'ella nunca chora:
É sempre meigo cordeirinho branco,
Que o seio doce e tumido é-lhe franco,
Como ás flores as lagrimas da aurora.

E ante os risos claros do inocente
Cheios de sol, de aromas e frescura
E ante os avós que o beijam doidamente,

Sinto a nadar os olhos em ternura,
Enquanto a alma vôa de contente
Agradecendo a Deus tanta ventura.

Joaquim de Almeida.

FIALHO D'ALMEIDA

Recebi a noticia da morte de Fialho d'Almeida estando eu abalado de saude, e tambem envolvido em trabalhos officiaes e outros, que me absorviam e absorvem ainda os dias.

N'outras condições teria procurado escrever um artigo largo a affirmar, justificando-a, toda a admiração sempre por mim votada ao talento e aos trabalhos do grande morto; um artigo em que as citações e transcripções da obra commentada illuminassem e corroborassem as palavras do commentario.

Classificadas as producções do escriptor em tres grupos: — *Contos e impressões da vida e da natureza, Critica d'Arte e de Litteratura, Critica de costumes* — tê-lo-hia considerado sob os correspondentes aspectos e faculdades de espirito; marcando as phases do seu desenvolvimento interior e, parallelamente, a evolução dada na estructura e fórmas da sua prosa inconfundivel; acompanhando-lhe a derrota d'artista e de critico, desde a época das puras preoccupações da Arte até ás épocas em que a sua actividade mental jogou tambem com interesses d'ordem social, e a sua amoralidade se modificou sob o impulso de naturaes instinctos de humanidade e de despertadas idêas de justiça; e terminaria o meu estudo com o registo do destino, da maior ou menor irradiação e influencia d'essa obra desharmonica e poderosa.

Assim, reservando para mais tarde tudo quanto deveria dizer — com o indispensavel concurso dos textos — ácerca do seu vulto litterario, do valor e significação dos seus livros e opusculos, limitar-me-hei a consideral-o, aqui, sob o seu principal aspecto, como *Contista,* n'uma meia duzia de descosidas e incompletas notas.

De resto, o que se escreva ou indique ácerca do *Contista* representará, em grande parte, uma antecipação do que haja de dizer-se com relação ao *Critico d'arte e de litteratura,* e com relação ao *Critico de costumes;* porque no critico que elle foi encontraram-se, a bem dizer, e encontraram-se apenas o homem e o artista que elle era; porque, em summa, vê-lo atravez da sua obra d'arte é antevê-lo na sua obra de critica.

Se o *Critico de litteratura,* á falta d'uma philosophia da vida e d'uma philosophia da arte, nos deu commentarios mais impressivos e reveladores do que fundamentados e integrados em largas concepções unificantes, mais suggestivos do que concludentes de sentido, e quasi sempre parciaes, apaixonados, movidos e inspirados das suas preferencias ou aversões; se o *Critico de costumes* — devido a uma paralleia falha no campo do Preceito — frequentemente julgou e sentenciou a capricho, ao acaso de criterios diversos, fóra d'essa disposição equitativa propria do verdadeiro philosopho, e á mercê de preconcepções ou de impressões incorrigidas — quando não era levado pela mera necessidade de exercer a ironia prompta; se toda a obra d'este *Critico* nos revela excesso e desproporção nas opiniões e apreciações, intermittente cuidado e actividade no exame e na analyse, inconsequencia e inconstancia no ponto de vista mental ou ethico, mas tambem lampejantes clarões divinatorios, certeira, genial visão do ponto nodal em certos assumptos ou creações commentadas, por vezes mesmo uma generosa largueza; se tudo, n'elle, dependia do encontro ou desencontro do seu espirito com as faces-vivas d'outro espirito, das suas affinidades ou antagonismos, dos seus odios ou sympathias, da sua afinação ou desafinação de tom relativamente ao que o cercava ou lhe despertava a attenção — tudo, no homem e no artista, nos desvenda semelhantes feições e caracteres.

Não nos manifestou o *homem,* sempre, essa alternante ou irregular actividade do espirito e da vontade? Houve alguem mais variavel e contradictorio nos seus juizos da vida, e mais inconstante ou intermittente nos proprios passos da existencia diaria?

E o que se diz do homem, melhor se verá no *artista,* n'esse artista que, sendo um intellectual, viveu mais a idêa do que pensou a vida — talvez para bem da sua arte, embora em prejuizo da sua critica.

* * *

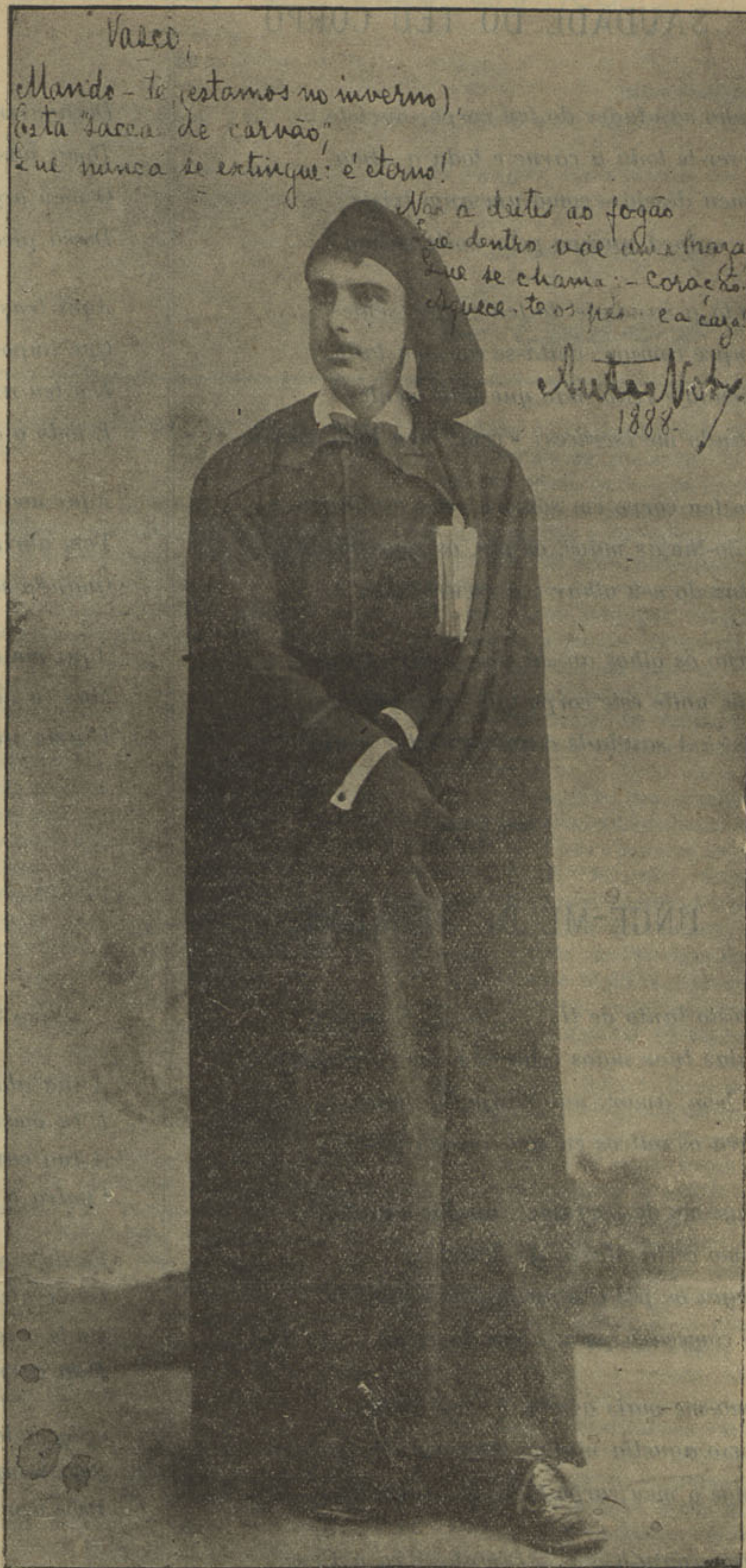
Excepcional organização de *impressionista,* possuiu, como poucos, a faculdade não só de vibrar intensamente sob a acção do ambiente physico e aos choques e repercussões do mundo interior, mas de reaccordar em si e de reflectir nas suas paginas as impressões colhidas.

Imaginativo n'um raro grau — manifestou extraordinario poder para associar e combinar as acquisições d'esse vivo impressionismo, e para a tudo dar o maior fulgor na exteriorização verbal.

A propria intensidade das suas impressões faria, porém, com que por vezes a continuidade d'ellas se quebrasse e, assim, não se encadeassem a formar seguida trama de elaboração sensorial; isolava-as, como se a momentanea invasão de cada uma lhes interrompesse o fluxo ou lhes desegualasse a energia da successiva apparição mental, pelo muito que esta ou aquella se impunha, em detrimento e offuscação das concomitantes e concorrentes.

E póde dizer-se que a uma tal particularidade correspondiam de certo modo a fórma, recursos e limites da sua imaginação.

Como a d'outros artistas da especie, a sua era, a um tempo, capaz de rapidas e variadas associações immediatas, e menos apta a certas recombinações dos elementos perceptivos; dotada mais para as flagrantes representações do concreto, para o registo directo do aspecto significativo, para a salientante notação do traço especial e do caracter — nas coisas e nas almas — para a visão e recomposição de cada caso da vida ou estado singular, individuado, do coração e do espirito, do que para os processos da *reducção ao universal*, do que para essas operações da ideação abstracta que levam ás integradoras generalisações, que unificam as linhas complexas das figuras reaes nas simplificadas linhas e impessoaes contornos dos *typos*, e concertam os multiformes dados e suggestões da natureza em symbolos do existente ou em genericas revelações e traducções do mundo visivel.

Mas ainda dentro d'esta especie de artistas, para quem o sentido e os processos do *pittoresco*, do *caracteristico*, do *individual* sobrelevam aos do *estylo*, da arte idealista, aos da symbolização da vida em unidas, synotheticas fórmas de Belleza — ainda ahi elle foi, mais do que outros, um intermittente, um abrupto; ainda ahi, devido ao seu originario impressionismo divisionista, e á sua caprichosa imaginação — descontinua, interpolante de actividade associativa — o nosso escriptor se extremou da maior parte na revelação dos defeitos e qualidades inherentes a tal categoria de temperamentos, a semelhante feitio de espirito. Porque, se realmente temos de confessar que a sua indole e processos são os que podem, como os de todos os artistas congéneres, envolver mais vivo interesse e melhor corresponder á curiosidade actual e crescente do *documento* e da *particularidade* — no campo do real ou do phantastico — tambem por outro lado temos de reconhecer-lhe, com frequencia, a ausencia ou a falha d'essa unidade enformante, a que toda a creação deverá sempre o segredo de legitima obra d'arte, seja qual fôr, aqui, a accepção do termo.

Reconheceremos, pois, que foi um *fragmentario*, não só quanto á ma-

SAUDADE DO TEU CORPO

Tenho saudades do teu corpo: ouviste
correr-te toda a carne e toda a alma
o meu desejo — como um anjo triste
que enlaça nuvens pela noite calma?...

Anda a saudade do teu corpo (sentes?...)
sempre comigo: deita-se ao meu lado,
dizendo e redizendo que não mentes
quando me escreves: «vem, meu todo amado...»

É o teu corpo em sombra esta saudade...
Beijo-lhe as mãos, os pés, os seios-sombra:
a luz do seu olhar é a escuridade...

Fecho os olhos ao sol p'ra estar contigo.
É de noite este corpo que me assombra...
Vês?! A saudade é um esculptor antigo!

UNGE-ME DE PERFUMES

«Gósto tanto de ti...», dizes. É pouco.
É das tuas mãos erguidas que eu preciso.
Vê bem, amor: não é orgulho louco.
Para os outros eu sou apenas riso...

Unge-me de perfumes, minha amada,
Como certa Maria de Magdála
Ungiu os pés d'Aquelle cuja estrada
Só começava para além da valla.

Ama-me mais ainda, ó meu amor,
Como aquella mulher ungiu o Christo,
Unge o meu corpo todo, a minha dôr...

Ella ungiu-o p'ra o tumulo, p'ra a Cruz.
Unge-me teu, p'ra o Sol por quem existo:
Viver é ir morrendo a beijar luz.

Lisboa
Maio, 1911.

NOITE

Devagarinho, vá, devagarinho,
Toma nas tuas mãos como num berço
O meu orgulho, e deita-o no bom linho
Dessa piedade em que me quero immerso.

Aqui tens o teu deus: — um pobresinho...
Que importa! Um gesto teu é um lindo verso;
E o teu amor vai dar-lhe o pão e o vinho
E todo o oiro que ha no ceu disperso.

Aqui me tens á porta da tua alma...
Vem abrir, vem abrir: ia a passar
Quando senti na noite o teu perfume...

Aqui me tens á porta da tua alma...
Mas tu não ouves: só me entende o mar
E uma nuvem, além, naquelle cume...

COMO CHRISTO

«Tomai e comei: isto é o meu corpo. Tomai e bebei: isto é o meu sangue.»

A Veiga Simões

A lua abriu as veias... Preamar!
E tu mesmo estás branca como a altura...
A tua carne agora está a sonhar
Contra o meu peito, cheia de doçura.

És doce como a noite, e ao vê-la cuido
Que é o ceu uma grande nebulosa
Onde o semen lunar escorre fluido
Pela carne da noite — dolorosa...

«Sou toda tua, amor... Já não existo...
Seja sempre meu corpo o teu pomar;
Bebe o meu sangue e bebe o meu olhar...»

Eu ouço a tua voz e lembro o Christo,
As palavras que disse em certa Ceia
A uns homens que o seguiam na Judeia...

Antonio Patricio

Cartas inéditas de CAMILLO CASTELLO BRANCO

IV

Meu amigo:

O relator do meu recurso é o barão de Fornos. Dois dos juizes são um irmão do J. A. d'Aguiar, e o Mello e Carvalho. Os outros dois são incertos.

Veja o meu caro Guilhermino se póde mover a meu favor os seus amigos. Está muito, ou quasi tudo, no relatorio, e o barão de Fornos é excentrico, segundo me dizem, na sua jurisprudencia.

Não demora as suas diligencias, não?

Do seu velho amigo

Cadeia — 23 de Novembro de 1860.

neira como colhia as impressões e quanto ao modo particular de n'ellas exercer a actividade imaginativa, mas tambem já na propria realização das obras. Com excepção d'aquellas em que, tendo havido perfeita correspondencia entre o assumpto ou caso tratado e os naturaes, fortes recursos da sua organização mixta de observador e visionario, a curteza da intriga e a estreiteza do quadro o houvessem obrigado ou deixado concentrar energias.

Porque nessas mais d'uma vez nos deu sêres e figuras tocadas no seu verdadeiro nucleo de vida, mostradas e movidas, de principio a fim, segundo a logica do seu plano organico, reveladas e mantidas sempre em *unidade.*

Devendo notar-se, desde já, que a irregularidade e o *fragmentarismo* do escriptor, se puderam prejudicar-lhe a obra sob o ponto de vista *objectivo,* não diminuem de modo algum o interesse despertado pelo auctor, considerado pelo lado *subjectivo;* pois a critica e a psychologia hão de vêr e apreciar n'elle, devido em parte a esses mesmos senões, e a par todos os seus provados recursos para a observação da realidade e para a notação clara dos factos, um raro e curioso exemplar de verdadeiro poeta da prosa, no sentido lyrico, pessoal da designação — como significando, além e acima do mais, a susceptivel facilidade da visão e da emoção directa e viva (por isso mesmo desegual e intermittente de intensidade ou duração) e como envolvendo, consequentemente, a explicação de tão bruscos saltos e interruptos movimentos na marcha da ideação, ao sabor das impressões surgentes, imprevistas, e a capricho do seu registo expressivo.

Isto, como é natural, com tanto maior originalidade e tambem mais vivo encanto, mais curiosos, por vezes ineditos effeitos da propria fórma litteraria.

Indicados, comtudo — e apenas indicados — a fórma, os recursos e limites da sua imaginação, faltava accentuar qual a sua natureza.

A par d'uma facil e vibrante *imaginação physica,* que lhe permittiu descrever, pintar, repercutir directactamente da vida paginas da mais opulenta prosa, revelou excepcionaes dons do que poderemos chamar *imaginação phantastica,* querendo designar tanto a tendencia e aptidão *amplificante* como a aptidão e tendencia *transfiguradora;* isto é, querendo indicar que elle possuiu egual ou comparavel faculdade para magnificar quanto lhe apparecesse e para se transportar ao terreno do sonho estranho, para dar como que uma supervida á realidade, e para surprehender e fixar o chimerico e o imaginario em allucinantes materializações descriptivas.

E aqui viria a proposito apontar que, se a coexistencia das duas especies de imaginação contribuiu para o vigor de realidade das suas paginas phantasticas, tambem á intemperança, por força vária e accidentada, da sua phantasia, deveria muito do desequilibrio, da desproporção, da desegualdade a notar n'algumas das suas creações; senões garbosamente resgatados — deve repetir-se — pela forte belleza de numerosos trechos.

Chegando a este ponto, tendo indicado os recursos e limites, a fórma e a natureza da imaginação do escriptor, vinha na altura notar-lhe a *tonalidade* predominante, quer dizer: o grau e proporção em que toda a sua actividade mental se repassou e revestiu de dôr ou prazer.

Ora, lida a sua obra, e por pouco que fosse conhecida a sua biographia, a critica concluirá pelo predomínio da tonalidade correspondente á dôr, em notavel escala de gradações.

Na sua prosa, tudo — da força elastica dos periodos em marcha ás bruscas contracções e ás rapidas soluções da phrase; da facil expansão da expressão verbal ao esforço, reconhecivel, para lhe subjugar rebeldias e a adaptar a novas exigencias; da violencia directa da palavra impressiva aos combinados movimentos e impostos torneios do vocabulario — tudo proclama e affirma uma vitalidade intensa.

As suas paginas, em grande parte rutilantes de luz, sumptuosas de côr, tumidas de seiva, vibrantes de echoadas vozes da natureza, fragrantes d'aromas da terra, capitosas como do sabor de fructas mordidas; umas, quasi palpaveis, de tão ricas em polpa, fluidamente fugidias, outras, nem aguas de sonho corrente — entôam, adornam, celebram o triumpho e a gloria da vida.

No emtanto, com todo esse nervoso e muscular vigor de prosa, com toda a riqueza — por vezes excessiva e accumulada — d'essas paginas, a impressão dominante a colhêr n'elle é uma impressão dolorosa.

Logo na fórma e condições de tal prosa; porque a sua força manifesta-se com impetos e quebras, mais do que n'uma continua e mantida acção; distende-se breve após o esforço feito, abate a miudo no decurso da fuga arrebatada — o que já envolve e nos communica, embora n'um dominio por assim dizer externo, qualquer coisa de vagamente penoso. Mas é da própria essencia d'essas paginas que aquella impressão resalta; e duplamente: pelo que nos revelam de consumptivo na sua mesma intensidade, e do quanto atravez d'ellas se adivinha e palpa o sentimento de antevisto desencanto, o melancolico e antecipado desconto a tudo dado pelo proprio escriptor — creatura

talhada de modo egual para os grandes deslumbramentos e para as amortecidas e frustrantes disposições de animo e de espirito; artista caloroso e critico pessimista; tão capaz de suscitar e erguer nuvens de sonho, em que se mova e nos leve, como de logo as dissipar só com a previsão de que todas se dissipam...

Isto proveniente: por um lado, do temperamento — dado aos fortes impulsos e caídas remissões que a fórma lhe atraiçôa, e que, concorrendo-lhe para a invalidação da energia moral, lhe concorreriam tambem para o *fragmentarismo* assignalado — e, por outro lado, da acção reductora do seu *contrôle* intellectual — nem sempre exercido, mas facilmente despertavel; pois com frequencia a meditação consciente das coisas e da existencia lhe tornaria desenganada contemplação e prophetica expectativa de dissipação e ruina a visão maravilhada do mundo e da vida...; não tendo deixado talvez de lhe fazer tambem ver ou entrever aquella falha de unidade de muitas das suas obras e de contribuir assim, devido a esse reconhecimento auto-critico, para amargar ao artista e ao poeta o opulento festim de poesia e d'arte em que, ao regalar-nos, involuntariamente se envenenava.

E se taes signaes de sensibilidade dolorosa se encontram nas paginas pulsantes de vitalidade forte, o que não teremos de encontrar nas outras, n'essas em que os themas tratados e os aspectos reflectidos afinavam naturalmente por aquella *tonica* emotiva?

Raros serão, entre nós e em qualquer parte, os escriptores que directa ou indirectamente tenham revelado e communicado aos outros, com semelhante eloquencia, o sentimento amargo da existencia, e a exgottante tortura de a commentar. E como tal tonalidade era a que melhor dizia com o seu essencial modo de ser, foi nas suas obras de cruel inquerito ás tristezas e ás tragedias da realidade, ou nas de mais lugubre phantasia que elle principalmente nos empolgou e se impôz, quando não foi n'aquellas em que o excesso de vida parecia implicar morte.

Sim, essa feição e tendencia da sensibilidade — já explicavel pelo temperamento do escriptor, sêr nervosamente excitavel, mas susceptivel de apathismos lymphaticos, impulsivamente activo,mas sujeito a fundas depressões neurasthenicas, insaciavel, agora, e logo enfastiado de quanto o rodeava, propenso, pois, a tirar de taes oscillações e de tão opposta contradição de estados uma inquieta e pessimista conclusão da existencia, atravez todas as tentações d'ella; — essa tendencia da sensibilidade, a que não haveria sido indifferente a acção, apontada, da coexistente actividade critica; essa tendencia da sensibilidade, alimentada á vista de entristecedores espectaculos do paiz e de tantas desgraças e monstruosidades da especie, que elle observava como homem e como medico, havia de dar á sua imaginação — á sua imaginação egualmente dotada para a representação realista e para a visionação transfiguradora e amplificante — o irresistivel pendôr e a involuntaria predilecção do thema sombrio ou do assumpto tenebrosamente estranho.

E foi o que succedeu; assim, no campo da realidade, levou-o frequentemente para a tôrva pintura das viciosas ruas e das viciosas almas citadinas, para a notação rude das paixões bestiaes e frustes do mundo rustico, para a descripção complacente das loucuras e torpezas sexuaes, para a irreverente e caricatural fixação de todos os ridiculos ou de quanto se lhe afigurou ridiculo, para a exhibição longa das taras, das singularidades teratológicas, dos casos de physico descalabro humano; nas regiões da phantasia (ás vezes do real transportado á escala do phantástico), para as pinturas do maravilhoso nocturno, para os debuxos frenéticos do apocalyptico temeroso, para as evocações do invisivel apavorante; podendo aqui vêr-se e accentuar-se que era ainda em certas e especiaes cordas da gamma da tristeza e da dôr, da melancolica e pesadumbrosa emoção do existente ou do entresonhadc — na corda do anormal e do grotesco-tragico, ou na do terrivel-macabro — que este realista e este visionario mais caracteristica e impressionantemente se affirmava; sem prejuizo d'um instinctivo amôr da natureza magnifica e da vida palpitante, e d'um caprichoso amôr artistico pelas phantasias em tom maior de gloria luminosa — manifestados, d'um lado, n'alguns dos seus admiraveis quadros de verdade, onde tudo estremece radioso, do outro nas suas feéricas télas de sonho ou de magnificadas projecções do possivel, télas em que as imagens parecem emergir de clarões de magia, revestir fogos de apotheose.

Não deve, pois, admirar-nos que a sua obra no-lo revele, ao mesmo tempo, como um cantor da vida e como um *necrómano*.

Todo o excesso de vida é principio de morte. E elle era, por accessos, um excessivo. Viria talvez d'uma origem triplice, a sua *necromania*: da propria obsessão da morte — que tantas vezes acompanha, embora sem

DA VIDA GLORIOSA...

Nuvem que sobe e ao Sol se tonalisa
Numa orquestral de inesperadas côres,
Chama distante, envolta em resplendôres,
Que irrompe e se ergue e em luz se divinisa,

Emoção creadora e deslumbrada,
Enternecidos extases de artista,
Labios que beijam, — piedosa vista,
Em que a Vida é resada e é beijada;

Gestos dominadôres triunfando,
Silencios vastos, fundos, ecoando,
Numa longinqua, indefenida voz,

— Tudo o que vive e sonha e luta e canta,
— Tudo no Amor palpita e se levanta
— Em resplendor e gloria sobre nós!

Augusto Casimiro

Coimbra.

consequencias, certos estados ou situações de espirito, quando se trate de creaturas do seu quadro organico e psychológico; d'esse dominante sentimento do estranho terrivel, nutrido na pratica dos hospitaes e dos amphitheatros, e favorecido pela repetida visão das agonias e das extremas torturas; do romantismo da raça, trazido no sangue, bebido nas leituras, recebido nas cantigas e historias d'este povo portuguez, para quem a morte é eterno motivo de inspiração, e para quem o mysterio nocturno dos cemiterios tem um dom especial de attracção lugubre...

Necrómano, como muitos, com egual tentação e terror da morte!

Não deverá admirar-nos tão-pouco, em vista d'esta contradictoria e dual feição, o caracter a um tempo exaltado e túrbido do seu *erotismo,* onde se sente esse qualquer coisa de previstamente destructivo, de vida a resolver em morte; pois lhe ressuma, com frequencia, atravez das mais ardentes e intemperantes paginas. E' como se lhe filtrasse um morbido travo de angustia final no vinho quente da sensualidade apujante; atraiçôa o *taciturno* no cálido e voluptuoso pintor das crises e abandonos do amôr, no esbrazeado colorista das impetuosas jovialidades e dos ferozes caprichos da carne e do sangue.

E já poderiamos agora explicar tambem a natureza especial da sua *ironia* — um dos aspectos interessantes d'este escriptor — só explicavel, realmente, depois de termos considerado o homem e o artista, posto que de modo imperfeito e rapido, sob os tres pontos de vista do *temperamento,* das *feições mentaes* e das *particularidades emotivas.*

Quer tombe na troça chocarrêira; quer silve nos colericos dardos do ataque vulnerante; quer exprima conceitos reprovadores sob a mascara do riso desdenhoso — a sua ironia representa sempre uma confluencia, uma adductora precipitação de todo elle para o ponto e no sentido em que troce, vise para ferir n'um alvo, ou desabafe em commentarios amargamente ridicularisantes. O que não impede que a cada passo desperte, se descubra e se reconheça na investida absorvente.

Todo elle tomará parte na irreverente chacota, no escárneo e mofa — por vezes de bem mau gosto e de fallivel efficacia — que lhe tenha provocado uma figura, aspecto, caso da sociedade ou da vida; por si ou na pelle de personagens a quem distribua o seu papel, dentro da realidade ou no campo da ficção allusiva.

ANTONIO NOBRE em 1897
(Fotografia tirada em New-York)

Todo elle irá no gesto dardejante do agudo sarcasmo lançado.

Todo elle vibrará no acto de castigar a riso caustico.

— E' *exhaustiva* a sua ironia.

Com semelhante *temperamento* — dado a tão divergentes estados e a tão violentas alternativas, já de si contrarias á persistencia de toda a disposição geral do artista no fio d'um certo interesse ou problema d'alma, e a toda a encadiada continuidade de impressões affins e collaborantes; com semelhante *feitio mental,* mais apropriado á visão fragmentaria, intensamente exclusivista, dos casos singulares ou dos isolados aspectos e correspondentes dramas da vida interior e exterior das suas personagens; com semelhante irresistibilidade de intervenção pessoal, manifesta ou trahida e, d'aqui, com tal facilidade de rapido, solucionante exgottamento nervoso — a par da inconstante curiosidade, da saciedade prematura, da febre do novo e do diverso, attribuiveis á sua *indole emotiva* — era natural que, entre as fórmas da creação litteraria dos dominios da prosa, elle preferisse o *conto* e ahi se affirmasse sobretudo. E n'esse dominio, mau grado as desproporções e irregularidades, devemos-lhe algumas das mais vigorosas, originaes, vibrantes revelações d'arte, de poesia, de vida, que a litteratura portugueza conta, e que á critica nacional se impõe registar.

Nunca, por certo, a emoção e a visão da natureza foram entre nós traduzidas e fixadas com força e brilho comparaveis; porque tambem, poucos a teriam sentido e amado como elle. Tanto a amou, que a amou em tudo; a ponto de, por vezes, tornar tão humanos os vegetaes e os animaes, nas suas narrativas e descripções, como as proprias figuras da nossa especie. E se a impressão dominante a conservar da sua leitura é a d'um doloroso sentimento da existencia — isso, pelo lado da arte, só lhe exalta o valôr da obra poderosa; pois sempre á dôr se ha de dever quanto de mais empolgante e bello os homens concebam e criem. E quem o leia conclue que a todos nos deverá orgulhar essa obra como uma das raras e altas reclamações de direito á vida erguidas pela patria portugueza.

Quem escreveu o *Anão,* os *Novilhos,* os *Ceifeiros* — e cito apenas três maravilhas, das muitas que nos deixou — concorreu sem duvida para fortalecer a affirmação de que não devem morrer os paizes d'onde a Arte ainda tire e espalhe faiscas de genio...

Coimbra — Março de 1911.

Manuel da Silva Gayo

O ti-João Carreira

— Viva, ti-João. Então como vae?

E o velhito levanta-se do banco luzidio de tantos annos e vem até mim, mal seguro, a apertar-me a mão em ambas as d'elle, os olhos radiantes na pequena face risonha, côr de rosa...

Mas ao verem a curva que o corpo antigo do ti-João faz para a terra — não pensem que não é rijo! Agora, por exemplo, está elle a soalhar a casa do padre Anthero, activo como um rapaz, esquecido da edade no ruido do trabalho, enterrando-se até aos joelhos nas aparas de madeira que escondem o chão, o rosto mais corado, os olhos mais brilhantes em continuas vibrações cheias de vida. E a espinha vergada, não é que seja dos annos, mas do trabalho forçado á plaina, de costas curvas, inclinadas sobre a madeira. É rijo como poucos; aos anos que o resequiram..

— Quantos, ti-João?

— Setenta e dois, menino. Se-ten-ta e dois!!...

.. aos setenta e dois anos que o resequiram hão-de juntar-se outros e outros, se Deus quizer. Tomára eu viver tantos anos como os que faltam ainda ao ti-João...

— Ora, qual quê...! Está moço, está novo... Eu sei lá! Ha-de viver mais anos.. Eh! Jesus Senhor!

E o velhito ri em duas casquinadas, todo elle, toda aquella rudeza tam insinuante.

Porque é de ver: quem fala com o ti-João fica logo captivado. Aquelle rosto engelhado mas bem feito, delicado e bom, em que se estampa toda a simplicidade feliz d'uma alma alegre, a finura mesmo do seu tipo, arrasta o coração que se sente bem imerso na serenidade que imana da boa alma do João Carreira. Depois, a sua loquacidade, a memoria aliada á fantasia, a sua arte de narrar — em que elle diz tudo pelas palavras de que póde dispôr, — animam, dispõem bem.

Quando subo á Sioga procuro logo o banquinho do ti-João, encostado a qualquer parede onde o sol dê de testada, e vou lá cavaquear um bocado, a ouvir-lhe as historias.

E conta-as de todos os generos. Ora é aquella dos ultimos enforcados em forcas portuguezas, do cavador poeta, da sua D. Manuela hespanhola que fez furor em Coimbra, do burro do moleiro, da gaita de fólles... e tantas assim.

E como velhos amigos, sento-me ao pé d'elle.

— Conte lá coisas, ti-João.

Elle ri-se: — dá as suas casquinadas.

— Eh! Eh! Conte coisas! Graceja elle do meu estribilho sempre usado.

— Conte coisas... Pois que hei-de eu contar, menino!? interroga com um gesto á altura do chapeu, um chapeu claro, de abas largas.

— Sim, sim; olha quem não tem que contar, o ti-João!

— Já as disse todas, já as disse todas... — e ri sempre, todo elle a rir.

Entretanto desfaz na concha da mão o seu tabaco e enrola, um pouco absorto, o cigarro, apoiado nos joelhos.

— Eh! Eh! Conte coisas... — Acende nas mãos juntas o fosforo e, de repente, entra:

— Pois então lá vae uma!

E a sua carita ingenua, e as mãos longas contraidas em garras pelos calos da serra, entram numa dança animada esboçando termos no ar, procurando expressões no céu.

. . . .

RENASCIMENTO

Nasci de novo. Eis-me liberto emfim!
Foi por um Céu, de estrelas todo cheio,
Numa visão de Amôr, que um Anjo veio
Descendo até poisar ao pé de mim.

O beijo que me deu não teve fim...,
Apertou-me nos braços contra o seio,
Abriu os lábios segredando... e a meio
Bateu as azas e levou-me assim.

Ai! como é dôce o seio que me embala!
E como tudo é novo e mais profundo...!
Mas já nenhum de vós me entende a fala;

Noutro Mundo melhor eu vivo absôrto,
E logo conheci que a esse Mundo
Quem vai não volta, ou, quando volta, é môrto!

Julho de 1909.

Os contos do povo

O povo não tem a arte de narrar, de encadear sabiamente os episodios, não saborea o desenvolvimento de um entrecho. A sua arte é toda feita de sinceridade, de emotividade. Não architecta, não combina: — fixa em *pochades* nervosas a emoção de um momento, — uma gargalhada ou uma lagrima. Por isso os seus trechos de arte viva estão nas *anedoctas* e *fabulas* e nas quadras do cancioneiro com seus fados.

Nas anedoctas e fabulas ha, de vez em quando, a ironia matreira de um Esopo de enxada ao hombro. Ha a mesma alada gargalhada faiscante com que na vida o povo sublinha o que lhe parece ridiculo; — que derruba pela fragrancia do sarcasmo tão despreoccupado e prasenteiro como se viésse d'entre os loureiros e os myrtos d'um primitivo bosque grego.

As quadras e os romances em verso são queixas, confissões, gritos, retalhos liricos vivídos ás vezes em paroxismos de dôr ou de amor.

Os fados apanham com uma subtileza suprema estes estados de espirito fluctuantes em que o pensamento como que ondeia e se dilue numa neblina musical. Ha na sua melopeia langorosa uma quebreira que lhe suspende a cadencia, que a faz hesitar como se um errante sonho de contínuo a distrahisse.

E que ar, que luz na musica dos fados!

Como embebidos no seu rhythmo os gritos e as confidencias das quadras nos chegam ondeantes, perdidos em extensão campestre, em claridade de horizonte! A quadra diz uma dôr infinita, a tristeza inconsolavel de um abandono: — e em volta a canção espalha sussurros de aguas, suspiros de arvorêdos, frescuras de sebes, silencios extasiados... Esfuma-se e cresce em torno um horizonte ideal. Ha valles de labor, múrmuras encostas, echos entre quebradas, fluidez aérea... E o grito que os versos lançam parece que se alastra, se dilue no meio do musical rumor das coisas; e a expressão de abandono, de desalento, que elles quasi sempre encerram, penetra-nos, torna-se viva ao sentirmol-os evaporar-se no meio da larga indifferença harmoniosa da evocada paisagem campesina. O fado é feito de tudo quanto do campo se exhala de vago, de melodiosamente indefinido. Aflorando nas boccas frescas, é essa harmonia esparsa que toma

BERÇO DO AMOR

Todo o Amor, toda a febre de Beleza,
Que nos irmana e exalta e nos domina,
Toda a serena e candida pureza
Desta Vida infinita e pequenina;

Toda a amargura dôce de tristeza,
E esta magua de Amor que nos ensina
O caminho de Deus, e a grandeza
Duma Ventura altissima e divina;

Toda esta inquieta e ávida ternura,
—Nossa profunda e alta formozura,—
Tanta, tamanha, que nos faz sofrêr;

E esta visão do ceu em que ando imerso,
—Tudo quer ser o pequenino berço
—Em que eu te possa, Amor, adormecer...

Coimbra.

TENTAÇÃO DO MAR

... Que o teu abraço maternal, estreito,
Fremente de carinho, ó minha Mãe,
Seja o meu berço posto no teu peito
Para que eu adormeça e dúrma bem...

E que os teus braços póstos nesse geito
Que só as Mães e as Bem-amadas teem,
Prendam a si o aventureiro afeito
Ás perturbantes tentações do Além...

Que o teu olhar resuma em piedade
A divina visão da imensidade,
—Alto-mar de Misterio a desvendar...

—Cinje-me bem ao peito, com ternura...

Que as tentadoras vozes da Aventura
Chamam por mim das vastidões do Mar!

Augusto Casimiro

alma e se faz canção pela cadencia de uma alvoroçada alegria ou de uma tristeza inconsolavel.

Os contos de fadas não reflectem em nada verduras, transparencia etherea, luz. Não ha flores, primaveras, frescura de sombras. Parece que todos elles nasceram nos casebres, quando lá fóra a noite desgrenhada ulula e regouga, e que as suas imagens foram visionadas no fundo enfumaçado das paredes, ao clarão das lareiras. Mesmo o amor nunca apparece florido, bucolico como por vezes nas canções. Não ha idyllios sob as verdes penumbras á beira das aguas. Ha encantamentos, vaticinios, sangue...

Effectivamente aqui, como nas *lendas*, um sentimento domina:—o da essencia encoberta, mysteriosa, tragica da vida. E nisto está o aspecto interessante, documental, desta especie de contos. Nisto está a sua justificação como producto expontaneo na literatura popular. Nada é placido, correntio. De contínuo a sombra do Destino paira imprescrutavel envolvendo tudo em teias de sombra. Encadeiam-se emaranhadamente episodios, apparições e as figuras desfilam a uma luz pállida, atormentada, sobre um fundo negro de mysterio e de fatalidade. Presente-se toda a allucinação peculiar da raça, que transporta para as coisas uma paisagem animica, que as deforma ao sabor de uma visão interior, face psychica de que Anthero é a incarnação culta.

Os proprios symbolos mythicos, que surgem com frequencia, são conservados só pelo seu sabor de enigma. Os personagens dos contos são ainda, quasi sempre, principes e princezas, reis e rainhas — ultimos échos talvez de uma raça de herois com que os velhos rapsodos representavam as grandes energias occultas. Mas agora apparecem sómente como uma exigencia scenica, como uma maneira ingenua de dar a impressão de irrealidade, de mundo sobrenatural.

Nas canções, lendas, anedoctas, ha almas que choram, que riem, se desesperam ou cantam. Nos contos ha longas telas phantasticamente bordadas com reminiscencias de reconditos paizes exoticos. O pensamento exhala-se, como um fumo lento, em estranhas figuras que se transformam e se desfazem. Mas o sopro da vida sublimada, que acolá perpassa, aqui não se sente. Ha cortejos scintilantes, aureas côrtes, cavernas, palacios abandonados, rios de sangue e de leite, metamorphoses, monstros: e tudo se agita e compõe um ambiente de chimera onde o espirito divaga numa tragica volupia de sombrio sonho.

AMORES DE ESTUDANTES

ROSA-CHÁ

(INÉDITO)

Vim do bosque, minha amada!
E trouxe (vê lá que ideia),
Uma flôr toda orvalhada
Para a nossa humilde ceia.

Sabe Deus com que trabalho
Achei entre os malmequeres
Esta chavena de orvalho
Para nós tomarmos... Queres?

Porto, 1885.

Antonio Nobre

A Musica Mediéval

II

Carlos Magno propulsou notavelmente a musica, creando escolas, fazendo uma obra de estrênuo propagandista.

Em volta deste personagem intensamente mediéval, a legenda traça uma aureola de heroe e de poeta: como cavalleiro a poesia o eleva, as gestas centralisam-se no grande Imperador, cuja acção de estadista se revela na energica acção unificadora que tentou resurgir o potentado romano em toda a sua plenitude. Mas deixemos para a musica dos trovadores a analyse do que foi a Edade-Média, nos seus principaes aspectos, estudando agora mais detidamente a iniciativa de Carlos Magno.

No seu tempo o homem instruido tinha de saber cantar; os sacerdotes deviam ser musicos e no seu palacio só era permittida a entrada aos padres que soubessem lêr os hymnos e as composições da época! Dois dos seus clerigos foram enviados a Roma para directamente aprenderem ahi a sciencia musical. Quando regressaram, um ficou na sua companhia, o outro foi para Metz ensinar. A assiduidade dos cantores nas cerimonias era exigida; o proprio Carlos Magno assistia tres vezes por dia aos officios sagrados. Os factos principaes da sua propaganda são a creação das Escolas de Metz Soissons e a Palatina, aonde foi mestre Alcuin, autor de um manual celebre posto em vigor no templo de Aix-la-Chapelle.

Metz teve durante muito tempo uma consideravel reputação: no seculo X Rotlandus foi o seu director e no seculo XI Theoger, theorico. Estes centros artisticos devem ser considerados como meios productores de primeira ordem: Isidóro de Sevilha, Béde, o Veneravel, Aureliano, Remy de Auxcerre, Reginon de Prun, Odon de Cluny, Hucbald, Hermann e outros celebres nomes, provieram d'aqui.

Entre todos os theoricos medievaes Guy de Arezzo destaca-se pela sua proficiencia. A carta ao monge Midel e o Prefacio de Antiphonario, são preciosos documentos para os musicographos. Os sisthemas foram explicados por Arezzo — a complexidade dos textos dissipou-se bastante. A designação das notas é um facto capital que por si só bastaria para elevar a memoria de Guy: cada uma ficou designada pela primeira syllaba de cada um dos versos do *Hymno a S. João*. Cito esses versos por um indiscutivel interesse:

Ut queant laxis
Resonare fibris
Mira gestorum
Famuli tuorum
Salve polluti
Labii reatum
Sancte Johannes.

O *si* não existia ainda; foi introduzido mais tarde: a denominação desta nota veio sem duvida da primeira syllaba do ultimo verso acima citado. A leitura tornou-se mais facil por este methodo relativamente accessivel.

A musica profana fôra excedida pelos cantos da liturgia christã. Os hymnos da Egreja mais antigos são simples e syllabicos. Os mais recentes accusam rythmo. Na Meia-Edade são usadas ambas as fórmas, vindo só mais tarde com a influencia da rima, a serem rythmados de novo. Compositores deste genero se notabilisam: nos primeiros seculos christãos — Romanos, autor do *Hymno do Natal*, e Gregorio I a quem são attribuidas as composições *Primo dierum omnium*, *Nocte urgentes* e *Conditor alme siderum*.

Na Hespanha, João de Saragoça, Isidoro de Sevilha, Eugenio de Toledo. . Na Gallia, Paulo Warnefried, Theodulpho de Orléans e o proprio Carlos Magno é considerado autor do *Veni creator spiritus*. A musica profana ficára no espirito do povo: se primeiro uma minoria a expulsava mais tarde teve de a acceitar. A canção é um producto muito espontaneo — o seu estudo revela-nos grandes bellezas.

A Edade-Média póde bem chamar-se um periodo creador: surgem novas classes, concepções religiosas oriundas do sentimento popular ou da ingenuidade christã; apparece o direito territorial das Communas, nasce a poesia trovadoresca, erguem-se esses rendilhados poemas de pedra que são as cathedraes: o illuminismo christão vive na alma dos templos gothicos. As Gestas feudaes creando heroes são a traducção do espirito aventureiro e sonhador.

Coimbra — Jan. — 911.

Antão de Lacerda

ULTIMAS BEIRAS

Com o sabor tristissimo, outonal,
das horas derradeiras,
tombam do meu beiral
ultimas beiras.

E o Ar, abstrato e monótono, eu contemplo
e acho o Ar indiferente ao que adoramos;
e sinto a Arvore e a Casa um grande templo
que as Aves recolhêram-se nos ramos.

Ultimas beiras: Làgrimas choradas
quando as crianças lindas, amuadas,
ja desse amúo desfeito se vam rindo . . .

e as lágrimas sufócam-se uma a uma.
É entre nuvens o Sol que vai abrindo
a rósa que perfuma.

(Do livro Poemas.)

Coimbra.

Affonso Duarte.

BIBLIOGRAFIA

Ultimamente foram nesta redacção recebidos os seguintes livros, a que não queremos escusar o nosso agradecimento:

Rosas Bravas — Acto em verso por Affonso Lopes Vieira;

Livro de Sonetos — Rodrigo Beça;

Intermezzo — Versos de Rodrigo Beça;

Mitigando Saudades — Arquivo de recordações dum filho falecido aos 23 anos, por Coriolano Freitas Beça;

Misterio do Natal — Contos de Coelho Netto; e

Leis psychologicas da evolução dos povos — G. le Bon, da Bibliotheca de Educação Nacional.

"A ÁGUIA,,

Com este decimo numero completa A ÁGUIA a sua prometida série. Aos senhores assinantes que satisfizeram as respectivas assinaturas nada mais temos de cumprir; aos outros pedimos a fineza de nos dizerem se ainda alguma coisa lhes devemos . . .